



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO, DE 2023 - 21H00



“Saltimbancos”, de Manuel de Guimarães (1951)

Realização: Manuel Guimarães; Argumento: Leão Penedo a partir do seu romance “Circo”; Planificação: Manuel Guimarães; Assistente de realização: Jorge de Sousa; Assistente geral: Jorge de Arbués; Direcção de fotografia: Salazar Diniz; Cenários: Frederico George; Figurinos: Frederico George; Guarda-roupa: Anahory; Montagem: Isabel de Sá; Assistente de montagem: Maria Odete; Som: Luís Barão; Produção: Manuel Guimarães; Direcção de produção: Carlos de Arbués; Secretário de produção: Rogério de Freitas

Com João Fernandes (palhaço pobre), Artur Semedo (Tony), Helga Liné (Delmirinha), Maria Olguim (Miss Dolly), José Vítor (Felizmino), Fernando Gusmão (Chico), Manuel Correia (Adriani), Jaime Zenóglia (Jesuino), Idalina Guimarães (Gabriela), Jorge Tu-Ching (Fred), António Rosa (jongleur), Andrade e Silva (palhaço rico) e colaboração dos artistas de circo Irmãos Emilianos, Irmãos Leopoldos, Irmãos Jarques, Tómar e Zetty e o burro Canário

Duração: 93 minutos



A importância de “Saltimbancos”

Quando no Verão de 1972 se assiste à exibição de “Saltimbancos”, de Manuel Guimarães, fica-se com a impressão clara de que se trata de uma obra datada, marcante de um período bem definido da nossa cinematografia de há vinte anos e, simultaneamente, já ultrapassada. Mas esta impressão será fatalmente enganosa, se não considerarmos as realidades da época e as condições penosas em que o filme foi produzido em 1951 (em regime de sociedade artística),



Garcia; «A Morgadinha dos Canaviais», de Caetano Bonnuchi; “Vendaval Maravilhoso”, de Leitão de Barros; “Ribatejo”, de Henrique de Campos; “O Regresso de José do Telhado”, de Armando de Miranda; “Sol e Toiros”, de José Buchs, e “Cantiga da

Rua”, de Henrique Campos. 1950 - “Frei Luís de Sousa”, de António Lopes Ribeiro e “O Grande Elias”, de Artur Duarte. 1951 - “Sonhar é Fácil” e “Madragoa”, de Perdigão Queiroga; “Um Marido Solteiro», de Fernando Garcia e “Saltimbancos”, de Manuel Guimarães.

Sem apoio de capitais e não contando com os subsídios que muitos dos filmes citados tiveram, “Saltimbancos” surgia como uma tentativa de exprimir um certo “neo-realismo” do nosso cinema, introduzindo-lhe uma preocupação e uma dimensão humana e social que, quase de todo lhe faltava. Partindo do romance de Leão Penedo, “Circo”, o filme propunha “estampar a própria vida, com toda a sua verdade”, “sem fados, toiros ou meninas pirosas». Manuel Guimarães, no número especial que a revista “Imagem” dedicou a “Saltimbancos”, era apresentado como “um dos novos do cinema português” e ainda “uma esperança da nossa cinematografia, porque no seu palmarés não conta mais do que um documentário - talvez o melhor documentário que saiu até hoje dos estúdios do Lumiar: “O Desterrado”.

A estreia do filme foi secundada por palavras de simpatia e entusiasmo de muitos intelectuais, cujas vozes, porém, não foram suficientemente apoiadas por uma opinião pública lúcida. Ficaram no ar, sim, as restrições que, por exemplo, Redol e Namora fizeram ao «palavroso artifício» que mata os necessários silêncios e diminui «o poder cinematográfico».

Mas a onda de compreensão e solidariedade, pelo que havia “de novo” nesse cinema, não foi suficientemente forte e ampla para se impor.

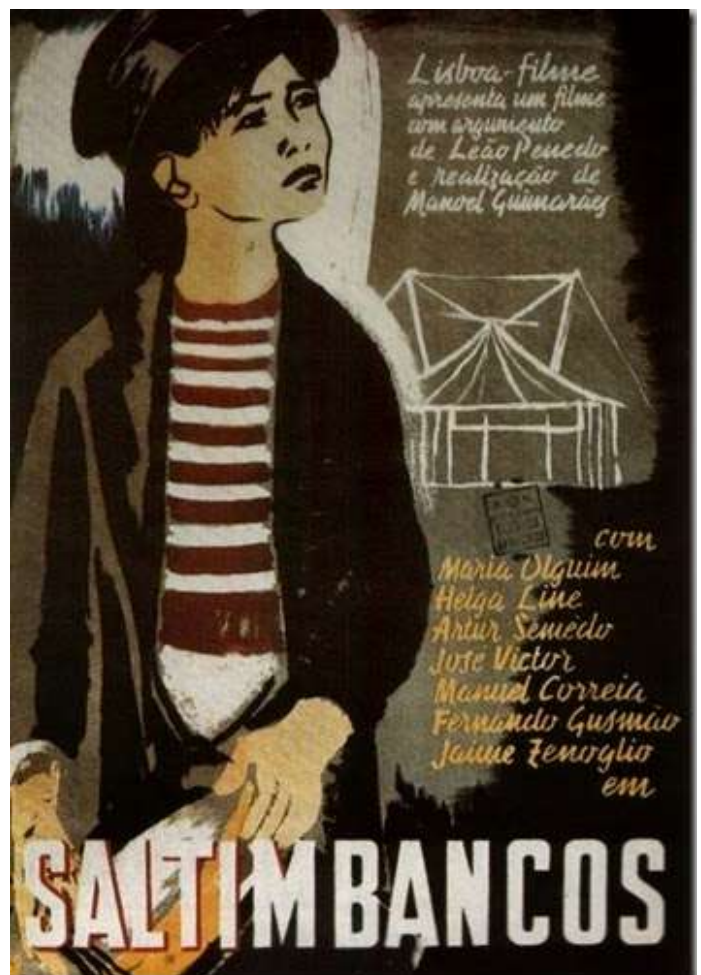
com pouco dinheiro, mas muito entusiasmo, precisamente como reacção ao comercialismo dominante do cinema da época. Estreado o Éden no ano seguinte, não passou das três semanas de exibição, enquanto “Madragoa”, de Perdigão Queiroga, atingia um grande êxito popular no Monumental, onde se manteve sete ou oito semanas.

Simultaneamente, exibia-se no S. Jorge “Um Marido Solteiro», de Fernando Garcia.

Emparedado desta maneira, o filme de Guimarães constituiu uma experiência desastrosa sob o ponto de vista financeiro, o que viria a ter repercussões muito graves nos caminhos futuros do cinema português e no próprio cinema de Manuel Guimarães que, apesar de tudo, ainda procurou sobreviver com novas e corajosas tentativas contra a corrente... Não esqueçamos, por exemplo, “Nazaré”, com texto de Alves Redol.

Mas qual era a corrente?

O “Aniki-Bobó”, de Manuel de Oliveira, estava longe (fora realizado em 1942). Nos anos mais próximos que precederam “Saltimbancos” tivemos: 1949 - “Heróis do Mar», de Fernando



Falando há anos (Fevereiro de 1954) do “marasmo utilitarista em que se afunda a nossa cinematografia» (ainda não surgira o chamado cinema novo...) lembrávamos que o caso de Manuel Guimarães nunca fora tratado com o carinho que merecia e apontado pelo que representava de sincero esforço de reabilitação do cinema português. Acrescentávamos que, na relatividade das suas aptidões, experiências e possibilidades, Guimarães dera “um impulso ao cinema nacional, tentando reconduzi-lo aos caminhos, tradicionais dos seus melhores exemplos: “Douro, Faina Fluvial”, “Nazaré, Praia de Pescadores”, “Maria do Mar”, “Canção da Terra”, “Aniki-Bobó”...

Nunca é tarde, porém, para fazer justiça.

Manuel de Azevedo



(em rodagem de SALTIMBANCOS)

Filmografia de Manuel Guimarães (longas-metragens)

“Saltimbancos” (1951), “Nazaré” (1952), “Vidas sem Rumor” (1956), “A Costureirinha da Sé” (1958), “O Crime de Aldeia Velha” (1964), “O Trigo e o Joio” (1965), “Lotação Esgotada” (1972) e “Cântico Final” (1975)

